



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**TALITA DE OLIVEIRA**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

<b>ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE</b>
---

**Entrevistada:** Talita de Oliveira

**Entrevistadora:** Mariana Cristina Borges Novais

**Local da entrevista:** Santos Dumont, Minas Gerais

**Data da entrevista:** 16/01/2017

**Processamento da Entrevista:** Mariana Cristina Borges Novais

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Páginas Digitadas:** 12 páginas

**Número da entrevista:** E-236

**Data da autorização para publicação no Repositório:** 30/04/2019

**Informações complementares:**

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Mariana Cristina Borges Novais intitulada **À beira do gramado ou fora do jogo?: As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil** apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em junho de 2018.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

Santos Dumont, 16 de janeiro de 2017. Entrevista com Talita de Oliveira a cargo da entrevistadora Mariana Novais para a dissertação de mestrado.

**T.O.** – “Meu nome é Talita de Oliveira, tenho vinte e sete anos. Brasileira, natural de Belo Horizonte, etnia negra. Solteira e não tenho filhos. Eu sou formada em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. Atuo como Auxiliar técnica do América de futebol feminino e trabalho com natação infantil também no Colégio CSM. Todos os dias eu trabalho com as duas modalidades. Parte do dia eu trabalho com a natação. De manhã e à tarde...Horários mais específicos, não o dia todo. E a noite eu trabalho com o futebol”.

**M.N.** – Eu vou começar, Talita, lhe perguntando sobre sua relação com o esporte. Como você começou, então desde a sua infância, como foi a sua relação com o esporte?

**T.O.** – Bom...Eu sempre pratiquei esporte. Desde os quatro anos eu sempre fiz natação e sempre fui ligada a todo tipo de esporte. Eu fazia é...Vôlei, futebol, natação...Joguei handebol, basquete, todos esses esportes eu passei. É...Tanto dentro da escola, que às vezes não era muito, mas fora eu participei de várias escolinhas e tal. E eu nadei por catorze anos, dos quatro aos dezoito, e nesse meio tempo, nos quinze anos eu comecei a jogar o futebol também. E aí eu comecei a me identificar muito com o futebol. A partir dos quinze anos eu...Veio surgindo essa paixão assim pra treinamento mesmo aí eu comecei a treinar. Depois disso eu larguei a natação e fiquei só com o futebol. Larguei assim, é...Fiquei um tempo fazendo os dois depois comecei a praticar somente o futebol. E aí eu comecei a fazer faculdade, trabalhei com natação e aí veio o convite para trabalhar com o futsal e em seguida veio o convite para trabalhar com o futebol de campo.

**M.N.** – E alguém te incentivou nessas práticas esportivas?

**T.O.** – Ah, minha mãe sempre...Desde nova ela sempre quis que eu fizesse esportes. Eu tinha problema de crescimento, então eu tomava remédios para poder desenvolver ossos e tal. E ela sempre me levou, principalmente na natação e foi um impulso. Foi o primeiro passo para eu poder entrar nessa caminhada. E a partir daí eu já sabia que eu iria fazer Educação Física e eu acho que se eu batesse o pé para fazer outra coisa ela também não

ia deixar não [riso]. Então foi bem assim mesmo. Desde novinha já fui descobrindo a paixão pelo esporte e...Até chegar onde a gente está hoje.

**M.N.** – Legal. E em relação ao futebol, você também sempre teve esse incentivo da sua família?

**T.O.** – Não muito. É...Futebol ele é muito complicado. Principalmente para mulher. A gente sofre muitos preconceitos. É...: “Futebol não é coisa de mulher”, “Vai machucar”, é...Muita gente vê a gente como o sexo frágil e às vezes quer proteger e tal aí acaba ofendendo. Então tem vários fatores. Hoje, como eu trabalho profissionalmente com isso é muito mais tranquilo. Mas antes, eu tive muita dificuldade. Minha mãe já pediu várias vezes para eu sair do futebol porque eu não tinha tempo para ficar em casa. Final de semana a gente não fica em casa. Minha madrinha então, nossa, foi uma [palavra inaudível] muito grande. Agora aqui já está muito mais tranquilo, um reconhecimento depois do nosso esforço, de tanto trabalho ele acaba surgindo mas até chegar aqui foi bem difícil.

**M.N.** – E você se recorda, nessa sua trajetória, de ter sofrido preconceito? Algo te marcou nesse sentido?

**T.O.** – [Silêncio] Ah...Sem dúvida. Várias coisas, tanto internamente quanto externamente. Às vezes a gente está ali trabalhando, vem comentários inadequados, algumas insinuações...É...De família mesmo ou até mesmo de amigos, então isso acontece bastante e ainda acontece. Aconteceu e ainda acontece.

**M.N.** – E você, nessa trajetória, foi treinada por quem?

**T.O.** – Bom...No...Eu passei pelo Atlético<sup>3</sup>, lá eu treinei com o Getúlio. Foi o treinador de futebol que tivemos a partir de...Ah eu não vou lembrar a data mais ou menos mas 2004 ele estava no Atlético. Eu não lembro exatamente datas. É...Passei por ele no campo. A partir daí eu saí do Atlético, participei de outras equipes, então eu tive, é...Celestino, tive...Deixa eu ver quem mais.....Alguns treinadores que trabalham aqui em Belo

Horizonte e no futsal eu trabalhei com a Mariela que é uma grande treinadora aqui em Minas, de futsal. Eu me inspiro muito nela, até. Pelo fato de eu ter começado no futsal, eu acho ela uma profissional incrível e de um conhecimento muito grande. Então ela para mim é uma das melhores treinadoras aqui em Belo Horizonte, não sei, talvez em Minas Gerais.

**M.N.** – E você achou diferente ser treinada por homens e ser treinada por essa mulher?

**T.O.** – Sim. É diferente. Igual...Eu tive...São...Na verdade depende muito. Eu esqueci de citar também, eu fui treinada pelo Eder e pelo Rafael que foram treinadores assim...No campo, que trabalharam comigo no Santa Cruz que...Os caras são excepcionais. Então acho que vai muito do empenho de cada um, vai muito do tato de cada um. Não é só porque é homem que não pode treinar o feminino...Não é só porque é mulher que não pode treinar o masculino. Só que eu acho que tem muitas pessoas que não entendem isso. Eu acho que, principalmente, no futebol masculino. A gente não vê treinadoras em futebol masculino e no feminino quase nenhuma. São muito poucas. Então tem ainda esse tabu a ser quebrado, mas eu acredito que isso vá muito de cada treinador. O nosso treinador por exemplo que eu tenho o prazer de trabalhar com ele que é o Victor Alberice, ele é...É um cara assim, super estudioso, sempre quer ajudar as meninas. Então isso vai muito de cada um.

**M.N.** – E o seu desejo de ser treinadora. Você contou um pouco do futebol aos quinze anos...Como surgiu, como foram seus primeiros passos, Talita?

**T.O.** – É...Eu venho de algumas lesões no joelho. Então eu tive muita dificuldade, principalmente, para aceitar essa questão minha com essa condição física. E a partir daí eu fui abrindo um pouco mais a...O meu campo de visão, para quem sabe, trabalhar de outra forma no futebol. Então, é...Eu jogando, eu tive o convite de assumir uma equipe de futsal em Itabirito e aí a partir do convite foi que eu comecei a despertar esse interesse. Como eu já tinha trabalhado com várias pessoas que hoje me inspiraram, que no caso é o Eder e a Mariela, eu pensei: Por que não? Então, a partir daí, eu comecei a estudar, a buscar alternativas e formas para poder seguir os passos deles. Então, foi a partir daí que

surgiu meu interesse. Eu estava jogando e me convidaram para assumir essa equipe e a partir daí eu nunca mais saí.

**M.N.** – Bacana. Houve alguma dificuldade perante família, amigos, os próprios colegas de profissão nesse seu início de carreira como treinadora?

**T.O.** – Nossa, muita. Primeiro porque Itabirito fica a quase setenta quilômetros daqui. Então eu saía...Eu estudava na época, fazia faculdade e eu tive que adequar as minhas aulas com os treinos. Então eu saía de Belo Horizonte toda quarta e sábado. Trabalhava o dia inteiro e ia dar treino à noite em Itabirito. Eu saía daqui, levava algumas meninas daqui também, juntamente com as meninas de lá e a gente fazia os treinos. No sábado era, é...Era de dia. Porém, às vezes eu dormia lá porque a gente marcava amistosos. Então nem sempre era fácil. A gente...Eu lutei bastante por um ano e meio mais ou menos que eu fiquei lá, quase dois anos.

**M.N.** - E agora que você já está inserida nesse meio, o que você considera importante para a carreira de uma treinadora, Talita?

**T.O.** – Bom...Primeira coisa é um apoio. Eu acho que é...Não só treinadoras mas o futebol feminino em si, ele tem que ter apoio. Eu acho que essa parte de: “Ah eu quero ser treinadora” ela vem muito da gente. Se nós não tivermos isso firme dentro da gente, a gente não faz. A gente desiste porque não é fácil. Mas, eu acho que se nós tivéssemos mais apoio, mais preparadas para poder receber as atletas, eu acho que seria muito mais fácil. Talvez despertaria um interesse muito maior em outras mulheres em assumir equipes do que hoje a gente tem. Então a dificuldade que tem dentro do treinamento ela ainda é muito grande. Então a gente esbarra em muitas...Muitas dificuldades que é...Acabam sendo obstáculos para algumas pessoas e para outras não. Acabam sendo degraus. Mas, muitas vezes as pessoas encaram como obstáculos mesmo.

**M.N.** – E você considera importante ter uma boa rede de contatos?

**T.O.** – Sem dúvida. Hoje em dia quanto mais contato você tiver, tanto profissionalmente, quanto...Até mesmo em amizades mesmo. Porque uma coisa vai puxando a outra. “Ah eu conheço fulano que talvez pode ajudar”. É...“Eu conheço uma atleta muito boa” e talvez já traz. Então, eu acho que esse contato, essa interação, tanto entre equipes quanto entre treinadores, ela é muito importante para crescimento geral da modalidade.

**M.N.** – E você falou de algumas referências, das suas duas principais referências, mas houve alguém que foi fundamental no seu processo de inserção na carreira, Talita?

**T.O.** – Não. Na verdade, os dois me ensinaram bastante. Como eu falei, eu tive esse convite e a partir daí eu comecei a pensar nessas duas pessoas. Falei assim...É...Eu pensei: Por que não?. Por que não fazer tão bem como eles fazem? Chegar lá da maneira que eles chegaram. Então até hoje eu carrego isso muito comigo e que são duas pessoas que eu me inspiro bastante. Até por ter visto times e ter trabalhado com eles, então eu me inspiro bastante nos dois para que eu consiga fazer grandes equipes, ajudar grandes equipes a chegarem no topo.

**M.N.** E a capacitação para ser treinadora, você considera isso importante também?

**T.O.** – Muito importante. Só que infelizmente o acesso ainda é muito difícil. Nós temos aí poucos cursos presenciais. Os cursos que temos não são na cidade de Minas Gerais. É no Rio, ou é em São Paulo, é no exterior. Na Argentina tem alguns se eu não me engano. Mas é muito complicado isso. Então nós temos que buscar maneiras, métodos para que a gente se atualize e continue ensinando e desenvolvendo a modalidade. Então é bem complicado. Mas como eu disse, a gente quando quer...É...Vamos atrás, em busca, pegamos livros, acessamos a internet, os cursos online para poder seguir em frente.

**M.N.** – Legal. Você trabalha com natação também como me falou no início. Por que é necessário juntar duas profissões?

**T.O.** – Bom...Eu sempre gostei muito. Como eu nadei desde os quatro anos, então, eu sempre gostei muito de natação. E atualmente eu consigo trabalhar com os dois e conciliar

os dois. Vai chegar um momento em que eu não vou conseguir mais. E eu vou ter que escolher. Na verdade, até já me conformei um pouco [riso] e já fiz essa escolha. Eu quero me aprofundar bastante na área do futebol mesmo mas vai ser uma dificuldade muito grande porque eu vou sentir bastante falta. Mas é uma paixão mesmo.

**M.N.** – Entendi. Então, especificamente agora sobre a profissão de treinadora. Gostaria que você falasse um pouco como ela está estruturada no Brasil em termos trabalhistas mesmo, condições de trabalho, como é o seu dia a dia nesse sentido?

**T.O.** - Então, atualmente eu trabalho como auxiliar técnica no América feminino e nós treinamos todos os dias. Finais de semana, normalmente os jogos na maioria dos campeonatos são domingo. Campeonato Mineiro ocorre domingo, O Brasileiro, como ainda não saiu a tabela pode ser que seja um dia durante a semana, normalmente quarta e domingo também. Então, ficamos por conta somente dessa estruturação de tabela mesmo. O dia a dia ele é bem...Ele é bem corrido. Nós treinamos na parte da noite, então...De sete e meia às nove e meia e...Dentro de campo a gente tenta estruturar da melhor forma para que eu auxilie o treinador, no caso eu sou auxiliar, eu auxilio o treinador em todas as atividades previstas que ele determinou. Algumas vezes a gente separa o grupo outras vezes a gente não separa o grupo. Então muitas vezes eu trabalho junto com ele, outras vezes não. Então muito...É...Se alguns momentos ele quer trabalhar mais a defesa ou o ataque eu fico com a outra parte e eu mesma desenvolvo as atividades com as meninas dentro do que a gente programou durante toda a temporada.

**M.N.** - Em relação à remuneração do seu trabalho, você considera ela compatível com a de outras pessoas que trabalham com o futebol de mulheres? Você está satisfeita com essa parte do trabalho?

**T.O.** – [Silêncio]. Então...É...Na verdade a gente tem uma oportunidade enorme que o América nos deu, porém, o nosso salário hoje ele não é compatível. Tanto com a modalidade do feminino quanto com a base. Então é uma coisa que nós ainda estamos desenvolvendo. Eu acredito que para um ano, um pouco mais de um ano, a equipe...Nós já conquistamos muita coisa para o futebol mineiro, porém, a gente ainda está

desenvolvendo muitas outras coisas. Não só salário como pedido de estrutura para treinamento, materiais, atendimento para as meninas, médicos, fisioterapia. Então isso tudo ainda está sendo desenvolvido para que a gente consiga ter...Eu não diria uma igualdade porque eu acho que vai ser bem difícil...[trecho inaudível]...Essa paixão que elas têm, que nós temos pelo esporte.

**M.N.** – O que você acha da compatibilidade ou da incompatibilidade que há em relação a quem trabalha no futebol de homens?

**T.O.** – É grande. É...Nós temos a oportunidade de interagir com os profissionais do América masculino. Treinadores, auxiliares, fisioterapeutas, etc. Então é uma distância muito grande. Mas, dentro da nossa realidade, nós estamos tentando buscar o máximo para que consigamos chegar perto. Como eu disse, dar uma melhor estrutura para as meninas para que, quem sabe num futuro não tão longo, a gente consiga dar uma igualada boa.

**M.N.** – Bacana. E a sua relação com as pessoas lideradas por você? Tanto dentro da própria comissão quanto com as atletas. Como isso se desenvolve?

**T.O.** – Acredito que nós temos uma relação muito boa. Conversamos bastante tanto dentro de campo quanto fora. Então nós temos que ter essa sintonia. Hoje, atualmente somos quatro na comissão dentro de campo. O Victor que é o técnico, eu como auxiliar, a Brenda 10 como preparadora física e o Fábio como treinador de goleiros. Fora de campo nós temos a Barbara como nossa Diretora do Departamento feminino, então nós procuramos manter sempre uma sintonia. Os assuntos importantes a gente procura sempre estar bem alinhado para que, caso alguma das meninas pergunte ou alguma coisa do tipo seja questionada, a gente tenha essa união de pensamentos. E dentro de campo com as meninas é muito tranquilo. É uma hierarquia saudável dentro das quatro linhas e, fora, uma amizade que fica não só pelo trabalho do time, mas também de vários outros anos que algumas já se conhecem, já jogaram juntas ou não. Então é uma relação bem saudável de todo mundo.

**M.N.** – Você gostaria de destacar, caso haja, alguma dificuldade na sua atuação como treinadora hoje em dia?

**T.O.** – Não. Eu acho que com a minha equipe eu estou muito satisfeita. Eu venho aprendendo muito e eu acho que esse é o grande dilema da nossa profissão. Acho que sempre devemos aprender. Buscar novas técnicas, novos métodos, novas formas de falar, de cobrar. E eu acho que esse ano, de 2016, eu cresci muito com a minha equipe, com as próprias atletas. A gente vem aprendendo muito a equipe toda junta. Então, eu acredito que eu não tenha nenhuma dificuldade em relação a isso.

**M.N.** – E a conciliação entre a vida pessoal e essa vida profissional de treinadora. Como isso acontece?

**T.O.** – Bom...É...[Silêncio]. A gente acaba vivendo para o esporte. A nossa vida ela tem que ser inserida dentro do nosso projeto de trabalho. Então, hoje, atualmente, minha família já se acostumou a, às vezes, eu não estar em reuniões familiares por conta de viagens ou algum treino num carnaval ou num feriado, por exemplo. Mas...É...Até que atualmente a gente consegue adequar bem. Conseguimos pensar, às vezes, em mudar um horário para que seja melhor ter o dia livre ou alguma coisa assim. Para que consigamos conciliar também nossa vida pessoal com a vida profissional.

**M.N.** – E o que você diria que garante a permanência de mulheres como treinadoras de futebol?

**T.O.** – Eu acho que é a competência. Eu acho que independente do sexo se a pessoa ela é competente no que faz e ela demonstra isso eu acho que ela consegue. Mesmo sendo um caminho muito difícil. Eu acho que ela consegue se inserir onde ela quiser.

**M.N.** – Bacana. Queria que você falasse agora um pouco sobre as suas atuações, se você passou por algum outro clube, exceto esse de Futsal e o América em que você se encontra. Campeonatos que vocês disputaram, enfim...Um pouco da sua trajetória já como treinadora mesmo.

**T.O.** - Então, nós passamos pelo...Eu passei, além do primeiro time de futsal que eu falei que foi em Itabirito, eu tive um convite pela equipe do Meca que é de Contagem. Nós ficamos...Nós participamos do Campeonato Metropolitano de Futsal no qual eu já peguei a equipe quase na reta final do campeonato mas eu fui muito bem recebida. Nós tivemos muitos altos e baixos devido à dificuldade, principalmente financeira da equipe. São...Hoje, infelizmente nós não temos um apoio, não só no futebol mas eu acho que em várias outras modalidades. Mas alguns campeonatos deixamos de participar e tudo, mas foi uma trajetória muito bacana. Eu tive que sair da equipe do Meca por conta do campo. Na época, éramos a equipe de Santa Cruz e nessa equipe nós fomos campeões mineiros, fomos campeões da Taça BH e campeões da Centenário. Então fomos a única equipe campeã dos três campeonatos que são disputados aqui em Belo Horizonte e invictas o ano inteiro. É...Foi um ano muito bom para a gente e foi o que nos deu visibilidade e credibilidade para agregar o nosso time ao América. Foi aí que nós conversamos com a Diretoria do América, quando surgiu a ideia de disputar o Brasileiro, então, nossa Diretora conversou com o...Nós tivemos uma reunião com o Diretor de futebol do América e apresentamos nossos números, nossos campeonatos e em menos de quarenta e oito horas ele deu o “ok” para que a gente pudesse vestir a camisa do América. Então foi essa trajetória, essas vitórias, esse trabalho que nos trouxe a vestir a camisa do América hoje e a estar aí mais um ano representando o time.

**M.N.** – E durante essa trajetória você exerceu alguma função sem ser auxiliar, Talita?

**T.O.** – No início, quando eu entrei no Santa Cruz, eu entrei para ser preparadora física. Então eu fiquei um tempo na preparação física. E a partir daí o treinador, ele estava trabalhando sozinho. Quando...Mais para a reta final da equipe do Santa Cruz...Eu...A nossa preparadora física, atualmente, que é a Brenda, eu a convidei...Nós convidamos ela para que fizesse parte da equipe e a partir daí eu assumi, ao lado do treinador da época, como auxiliar técnica. Desde então, eu não saí mais e estou aí nesse mesmo cargo já faz um tempo.

**M.N.** – E existe alguma progressão hierárquica nesses cargos?

**T.O.** – [Silêncio]. Não. Na verdade, aconteceu de eu começar na preparação física e depois estar auxiliando o treinador. Como eu já tinha essa experiência como treinadora de futsal, eu achei que seria uma boa e eu me dispus a fazer o papel. Acabou dando certo, a gente fez a experiência e tudo e acabou dando certo e a partir daí eu comecei a me aprimorar e a estudar para ocupar o cargo.

**M.N.** – Entendi. E você já trabalhou ou gostaria ainda de trabalhar com o futebol de homens, Talita?

**T.O.** – Olha, eu nunca tive vontade. Atualmente eu penso muito em fazer o feminino de Minas Gerais crescer. Para que tenhamos mais times profissionais, tenhamos mais equipes. Hoje, atualmente o nosso Campeonato Mineiro ele conta com muito poucas equipes. Ano passado, tivemos pouquíssimas. Pouquíssimas equipes inscritas sendo que Minas Gerais é um berço de atletas. Acho que não só pro campo mas para o futsal e para outras modalidades. Então eu pretendo ficar no feminino e fazer todo o possível e lutar pela modalidade.

**M.N.** – E como você analisa as oportunidades de ascensão para as mulheres que ocupam esse cargo de treinadora no Brasil, Talita?

**T.O.**- Não é fácil. Eu acho que hoje a expectativa de um treinador ou de uma treinadora ela é...Muito baixa...É muito pequena. Nós não...Como eu disse antes...Nós temos pouquíssimos times com treinadoras. A maioria deles contam com treinadores e uma comissão técnica formada por homens. Então, eu acredito e sou da seguinte cultura de que se eu estou nessa equipe eu vou fazer o máximo para que eu cresça e me desenvolva profissionalmente e ajude a minha equipe. Eu acho que o resto que vier é consequência. Qualquer convite externo ou qualquer outro tipo de oportunidade vai ser fruto do que eu fiz aqui.

**M.N.** – Legal. E especificamente sobre você. As suas pretensões futuras. Quais são as suas expectativas dentro do futebol, Talita?

**T.O.** - Bom. Esse ano nós vamos iniciar um Brasileiro agora em março então nós...A minha pretensão é formar uma equipe forte para que possamos fazer um bom campeonato da mesma forma que fizemos um bom ano de 2016. Eu espero que façamos um ano melhor. Que 2017 seja um ano muito melhor do que 2016, tanto em relação a números, títulos, conquistas. Eu acho que isso é importante para a nossa visibilidade mesmo e, a partir daí...É...Acredito que formar mesmo uma...É...Como que eu vou dizer...Uma potência mesmo em Minas Gerais. Eu acho que hoje, o futebol feminino em Minas, ele não é visto como uma potência. São Paulo tem times muito fortes. Equipes que podem investir e não investem e eu acho que Minas Gerais também poderia ser. Então, trabalhar para que isso ocorra, trabalhar para que nós possamos montar uma base, montar uma equipe Sub vinte talvez. Para que a gente possa crescer na modalidade e se tornar um berço mesmo para o futebol feminino. Mandar meninas para outras equipes, com salários melhores...Movimentar mesmo o mercado de futebol.

**M.N.** – Bacana. Você já frisou várias vezes que acredita muito no querer. Que quando você acredita em alguma coisa não existem barreiras suficientemente fortes para impedir. Mas há, nessa sua trajetória, alguma coisa que te faça pensar em desistir em algum momento, Talita?

**T.O.** – A grande dificuldade que, às vezes, os dirigentes colocam ou que, às vezes, até os parceiros colocam, isso acaba...Não nos fazendo pensar em desistir...Eu não penso tanto nisso, porém, é uma coisa que vai...É cansativo. Nós temos que sempre que estar lutando...Sempre que estar pedindo. Então é algo que vai nos desgastando bastante. Então, um planejamento que é atrasado, talvez uma coisa que pedimos, um material que não chega, isso tudo vai...É...Vai nos desgastando bastante ao decorrer do ano. Mas não é algo que eu já pensei em desistir.

**M.N.** – Que bom. Eu terminei as perguntas previamente estruturadas. Queria saber se você quer deixar algum comentário, algo que eu não tenha abordado, você pode ficar à vontade, por favor, para falar o que você quiser.

**T.O.** – Não...É...Eu acho que nós falamos tudo. Eu só agradeço a oportunidade de estar defendendo a modalidade, principalmente. Hoje em dia nós não temos, infelizmente, muitos estudos ou...É...Até mesmo pessoas interessadas em mostrar qual é a realidade do futebol feminino e quando mostram, mostram às vezes uma parte ou mostram o que interessa. Então é uma modalidade que vem crescendo sim. Nós estamos, a partir dos últimos anos, vindo numa crescente muito boa em relação a tudo que já ocorreu com o futebol feminino. Porém, nós precisamos de muito mais apoio, de muito mais visibilidade para que possamos engatar essa modalidade no Brasil. Mesmo aí tendo meninas super competentes. Nossa Seleção Brasileira com vários e vários títulos. Nós temos a melhor do mundo. Temos jogadoras aí como a Formiga que são mitos no futebol, mas infelizmente que acabam sendo esquecidas pelo tempo, pela...Pelo descaso mesmo que tem no futebol feminino. Então eu só peço que nós tenhamos um pouquinho mais de atenção. Atenção com as nossa mulheres, atenção com as nossas guerreiras por que a luta não vai parar não.

**M.N.** - Excelente. Eu que agradeço, na verdade, a oportunidade e a sua disponibilidade em contribuir com o estudo. A próxima etapa agora é eu fazer a transcrição e durante todo o processo eu vou te mantendo informada, a gente vai continuar fazendo contato para você ter “feedback” de como está indo o estudo, está bom?

**T.O.** – Beleza.

**M.N.** – Muito obrigada então, Talita, boa tarde.

[FINAL DA ENTREVISTA]